

Este livro define-se já pelo título, que aponta para a dualidade da experiência emocional humana, alternada sempre entre os pólos do sofrimento e do prazer. Dupla também é a experiência da autora na seara das Letras, dividida entre a criação poética e a crítica literária, do que resulta o rigor com que compõe seus poemas, jamais cedendo a facilidades.

Obedecendo tematicamente a um ritmo binário, como o das batidas do coração, Poemas de dor & ternura, em textos essencialmente líricos, fala do presente e do passado, de alegrias e de revezes, de dor e de superação, de desencantos e de esperança. O registro autobiográfico está muito presente no livro, mas apenas na medida em que pode ser ultrapassado, convertendo-se em experiência universal. A própria autora declara: “Estou de modo visceral nele, sem o espetáculo do desnudamento. Deixo a porta entreaberta, mas jamais escancarada”.

O volume organiza-se em três blocos, “A prenda dos dias”, “Dor decantada” e “Resgate lírico”, e neles o olhar da poetisa também oscila pendularmente entre passado e presente, revelando momentos de dor e de felicidade. Percorre cenas de seu passado remoto e recente, seja recuperando liricamente espaços de sua infância, seja transformando o luto vivido em sensíveis poemas, na seção central, dedicada à memória do marido. Poemas de dor & ternura é um livro que fala com o leitor, que o comove. Mais que isso, fala pelo leitor, que nele reconhece suas próprias e íntimas vivências de dor e de ternura diante da vida.

Vera Maria Tietzmann Silva

* * *

A Cênese Editorial e Darcy França Denófrio convidam para o lançamento do livro “Poemas de dor & ternura” dia 20 de junho, sexta-feira, às 19h30, no Salão de Eventos do SESC (Rua 19, nº. 260, Centro). Professora aposentada da Faculdade de Letras da UFG, na apresentação de próprio punho, a poetisa relata que o livro, tal como a própria vida, promete dor e também ternura. “Estou de modo visceral nele, sem o espetáculo de desnudamento. Deixo a porta entreaberta, mas jamais escancarada. Com ele, ofereço a meus leitores algumas aprendizagens, lições e presentes que a vida me deu”.

Autora de duas dezenas de publicações, Darcy França Denófrio é poetisa, ensaísta, crítica literária. “Sua trajetória revela a figura de uma intelectual de múltiplas faces, que traz em toda as suas realizações a marca da sensibilidade, da competência e do rigor intelectual”, destaca a editora e também professora Ione Valadares, da Cênese Editorial. “Por tudo isso, tem, merecidamente, recebido amplo reconhecimento pelo seu trabalho intelectual, expresso não só pela admiração que lhe dedicam seus pares e seus leitores anônimos, mas também pelos inúmeros diplomas, medalhas e troféus que homenageiam o seu talento”, comenta Ione.

Uma prova do amplo reconhecimento do talento de Darcy está nas orelhas da nova publicação. Elas trazem comentários entusiasmados de oito autores: Nelly Novaes Coelho, Adovaldo Fernandes Sampaio, Olga Mercedes Zamboni, Fernando Py, Moema de Castro e Silva Olival, Brasigóis Felício, Nilce Sant’Anna Martins e Genaro de Vasconcelos. Conforme o texto de Adovaldo Fernandes Sampaio, a autora desmente a afirmação de que aquele que conhece muita teoria literária não consegue fazer poesia: “Darcy consegue ser lucidamente arrasadora em seus textos poéticos do mais alto nível. Aliando sensibilidade e técnica, faz uma poesia densa, envolvente, de uma difícil simplicidade.”

A obra de 132 páginas em edição esmerada também traz comentários da professora Maria Zaira Turchi na contracapa. De acordo com a diretora da Faculdade de Letras da UFG, “deixando de lado a luz penetrante do trabalho na área do ensaio e da crítica literária, e pondo em foco a inspirada luz do percurso da poetisa, pode-se perceber que entre o primeiro livro, Vôo cego, passando por Amaro mar, Ínvio lado, até este que vem a público, há uma transformação substancial da voz lírica que potencializa traços já esboçados nos primeiros livros, mas que vão adquirindo contornos nítidos, instaurando novas estruturas significativas”.

A professora Darcy França Denófrio nasceu na fazenda Nova Aurora, município de Jataí, então distrito de Itarumã (GO), em 21 de julho de 1936. Já casada e com três filhas, licenciou-se e bacharelou-se em Letras Modernas Inglês-Português pela UFG, onde também sagrou-se mestre em Teoria da Literatura e tornou-se professora de Língua Portuguesa, Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, na graduação, e Teoria da Literatura, na pós-graduação, da Faculdade de Letras.

Fonte
Jornal da Adufg
Junho de 2008

* * *

O requinte dolorido de Darcy França Denófrío

Darcy França Denófrío, embora seja uma intelectual requintada, é tão discreta quanto Antonio Candido. Seu trabalho de recuperação da poesia goiana resulta de um esforço ainda não devidamente reconhecido fora dos círculos acadêmicos. Sua lida de formiguinha, detalhista e perspicaz, mostra que a melhor crítica feita em Goiás mora mesmo na academia, embora Darcy esteja aposentada da Universidade Federal de Goiás. Trata-se de crítica mesmo, apurada e ponderada, não do retardatário achincalhe-travestido de crítica que se vê em certo “jornalismo”.

A crítica Darcy às vezes esconde a poeta, embora seja possível verificar na limpidez de seus textos críticos a compreensão e a sutileza dos poetas. Aqueles que querem conhecer a refinada poesia de Darcy, sua meticulosa poesia, aquela nas quais as palavras dançam inebriadas pela música dos mestres, têm onde buscá-la. A Cânone Editorial (que faz um trabalho de competência ímpar) lança, para nosso deleite, Poemas de Dor & Ternura.

Transcrevo dois poemas de Darcy para que o leitor possa verificar parte de seu talento.

“Os desterrados” (para Vera): “O tempo foi passando,/a ternura se perdendo./Abriu-se um fosso/e pareceu inevitável./Era chegada a hora./Olhei o seu rosto-enigma/e não era o de antigamente/perdido em algum lugar./E amei aquele rosto distante/a primeira face, extraviada,/não a esfinge ali presente./Você também buscava/a minha face perdida na viagem./Era um fosso tão terrível,/sem ponte levadiça/sobre a ferida que de nós escorria/e nossos opostos caminhos./E nós dois ali divididos, nos amando,/não a nós mesmos ali presentes,/mas aos desterrados de nós mesmos/separados por um fosso/irremediavelmente.”

“Dívida” (para uma amiga e seu espólio): “Porque ninguém foi ao fundo/de minha alma solitária/visitar-lhe o último segredo;/porque me bateram à porta/sem de fato desejar entrar;/porque beberam o vinho/que eu fabricava e servia/sem, de fato, comigo partilhar;/e, ainda, porque me enganaram/quando mais queria acreditar,/a vida me deve alguma coisa:/não essa matéria de preencher/vazio de vísceras ou labirinto interior/— mas a própria vida.”

* * *

AS DORES DECANTADAS
José Fernandes

Se a poesia é definida, filosoficamente, como o diálogo do ser lírico com a própria essência, nunca ela se apresentou tão dialógica como na atualidade, pois esta conversa interior não manifesta apenas um estado de ser amoroso movido pela magia de Eros, mas uma relação profunda do sujeito lírico com as dores do existir. Aquele lirismo passional, em que se desvelavam as angústias do amar, vigente na poesia ocidental desde Anacreonte, hoje cede espaço para uma viagem em que o ser lírico caminha solitário dentro da náusea essencial. Este sentido profundo do gênero lírico pode ser lido e sentido em Poemas de dor & ternura, de Darcy França Denófrío, principalmente em sua segunda parte intitulada Dor decantada. O qualificativo de “dor”, “decantada”, a despeito de possíveis outras interpretações, materializa aquela dor depurada, que passou por um processo de decantação e que, em decorrência, permanece nas funduras do ser, porque provinda do recrudescimento daquela dor infiltrada e depositada no mais profundo do humano.

Esta percepção metafísica de uma dor depositada no quid, no cerne do ser pode ser percebida no texto denominado “Poema da dor sem nome”, em que ela transborda em palavras fortes, como mágoa, abismo interior, mundo e, notadamente, no verbo doer, expressão daquela tonalidade ontológica, assumida individual e solitariamente como signo e sinal dos limites extremos da condição humana. Por isso, trata-se de uma dor que perfura o abismo, uma dor que, apesar de sem nome, poderíamos batizá-la de dor essencial, porquanto atinge a quididade, a quintessência mesma do ser. Só se pode compreender essa dor mediante uma ausência definitiva, capaz de substantivar a total impossibilidade de recuperação de um bem que encerra parte ou totalidade da existência, que compreende aquele “fio infinito/que se joga no abismo/até vomitar de vez/o início da ponta.”

O vômito, na perspectiva da dor metafísica, advém da náusea, ato de vomitar a si mesmo, de conhecer-se em limites ou em superior dimensão. Em decorrência, opera-se no ser lírico uma travessia, uma

passagem para uma substância semelhante ao que ocorre ao se transfigurar, ao atingir o próprio abismo e juntarem-se as pontas do ser e do não-ser. É o que lemos nas três últimas estrofes do poema, quando o ser lírico confessa: “Depois, chegar/à íntima alegria/sem sentir a broca/perfurando a rocha/de meu poço artesiano”. Ora, o que é esse poço, senão a quiddidade do ser que, através da dor, descobriu-se na quarta margem, numa órbita outra do lírico, em que sujeito e objeto se fundem, porque purificados pela dor depositada no fundamento da essência do ser. A consequência é chegar “À alegria de alcançar/as águas tranquilas/minhas mais profundas/reservas humanas.//E ouvir o íntimo silêncio/águas entre rochas calcárias/sem nenhuma pressa/águas que não estremeçam/nem trincam/o espelho da alma”.

“Poema da dor sem nome” não somente resume a profunda filosofia que perpassa Poemas de dor & ternura, para frente e para trás, considerando que ele se encontra quase no meio do livro; mas também a poética que perfaz seus versos, uma vez que as imagens líquidas, construídas pelo vocábulo “água”, repetem física e metafisicamente a decantação da dor. Não bastasse este símbolo forte de purificação, “água”, acresce-se-lhe ainda o de espelho, que reduplica o ato de decantar, na dupla profundidade vertical do ser, à medida que ele se volta para baixo, na ação de existir, e para cima, na viagem empreendida ao interior de si mesmo, mediante a terapia perigosa da dor. Perigosa, porque ela pode levar à decantabilidade e ao desespero. Neste caso, levou a uma peregrinação pelo sujeito lírico em decantação, que soube transformar o sofrimento em poesia, em palavra de ser e em ser de palavra, como poucos o sabem fazer. Parabéns, Darcy! Você sabe o verbo e suas conjugações de arte e poesia!

Publicado no Jornal Diário da Manhã, em julho de 2008.

* * *

Caríssima Darcy,

Recebi os seus Poemas de Dor & Ternura, que li e reli de enfiada, encantado e emocionado diante de tanta beleza e sensibilidade, em que poemas à clef, com endereço certo, generosamente são partilhados com o leitor, que é introduzido num universo de amigos e familiares. Num universo magicamente aberto, fascinantemente construído com arte e engenho. Temas difíceis de tratar convertem-se em verdades lapidares, mostrando-nos detalhes que normalmente nos passam despercebidos na erosão do cotidiano.

“Aprendizagem” é de uma profundidade abissal e vai muito além da relação mãe-filha. “Retrato” tem tudo para se tornar um clássico como o de Cecília, com a diferença de que o seu é muito mais elaborado, surpreendentemente sintético, sem uma palavra a mais nem a menos, na exata medida. “Elegia a José Cruciano” nos traz de volta, o grande amigo, que de repente se senta ao nosso lado, para aquelas grandes e agradáveis conversas... Para não citar poema por poema, a um e um, digo-lhe que com certeza você fará e publicará vários outros livros de poesia, mas este é um divisor de águas, em que conseguiu fazer da dor e da ternura do dia-a-dia temas da mais alta literatura e que ficarão para sempre na História Cultural de Goiás, do Brasil, do Mundo.

A vida e suas formas multifacetadas estão em cada um desses poemas que vão além da arte literária e transformam-se em depoimentos, testemunhos, experiências que precisam ser compartilhados porque a Poetisa-Mor se sabe voz de muitos, principalmente dos que sentem/percebem tudo isso, mas não conseguem expressar o que é indizível, inefável, indescritível, intangível, e que exige palavras que só uma Artista que as domina e as apreende em sua íntima essência, em seu mais secreto sentido, sabe utilizar. Uma Artista que não precisa inventar uma única palavra, porque sabe reuni-las na frase perfeita, na expressão única, na imagem inovadora.

Muito lhe agradeço a gentileza destes régios presentes – o belíssimo livro e o afetuoso cartão, de uma cordialidade rara, como rara é uma pessoa como você. Muito lhe agradeço a honrosa citação na orelha do livro.

Desejo-lhe muitas felicidades e êxito. Que 2009 lhe seja generoso e cheio de graça, trazendo a realização de todos os seus mais caros anseios.

Com admiração e gratidão, um abraço cordial.

Adovaldo Fernandes Sampaio